

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Coleção Brasileira Itaú Traduz o Melhor da História, Iconografia e Literatura Sobre o Brasil

Jales Guedes Coelho Mendonça¹, Nilson Jaime²

Em 1969 Olavo Setubal, principal acionista do Banco Itaú, adquiriu, com o aval da diretoria da corporação, um quadro a óleo (*Povoado numa Planície Arborizada*) executado pelo artista holandês Frans Post. Considerado o primeiro pintor da paisagem brasileira, e domiciliado em Pernambuco entre 1637 e 1644, Post integrou a comitiva de Maurício de Nassau no Brasil. Essa valiosa aquisição representou o primeiro passo para a edificação, nas décadas subsequentes, de um notável acervo de obras de arte, documentos, mapas, peças iconográficas e livros, que hoje formam a Coleção Brasileira Itaú.

Exatos quarenta anos depois da primeira importante compra, foi publicado o livro *Brasileira Itaú – uma grande coleção dedicada ao Brasil* (Rio de Janeiro: Capivara, 2009, 707 páginas), de autoria de Pedro Corrêa do Lago, que retrata essa verdadeira arca de tesouro. A obra, uma produção luxuosa de capa dura com aproximadamente 2.500 imagens, pesa espantosos quatro quilogramas e nada fica a dever aos sofisticados trabalhos da editora alemã Taschen Books. As apresentações de sobrecapa e

¹ Promotor de Justiça, Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), membro titular e atual presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), cadeira n° 5.

² Mestre e Doutor em Agronomia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), presidente da Sociedade Goiana de História da Agricultura e membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), cadeira n° 6.

interna são da lavra de Olavo Setubal, escritas pouco antes de seu falecimento, ocorrido no dia 27 de agosto de 2008. A publicação estrutura-se em seis partes: a) obras de arte; b) livros e impressos; c) documentos manuscritos; d) cartografia; e) economia e finanças, e f) paulistana.

Figura 1. Capado livro “*Brasileana Itaú – Uma Grande coleção dedicada ao Brasil*”

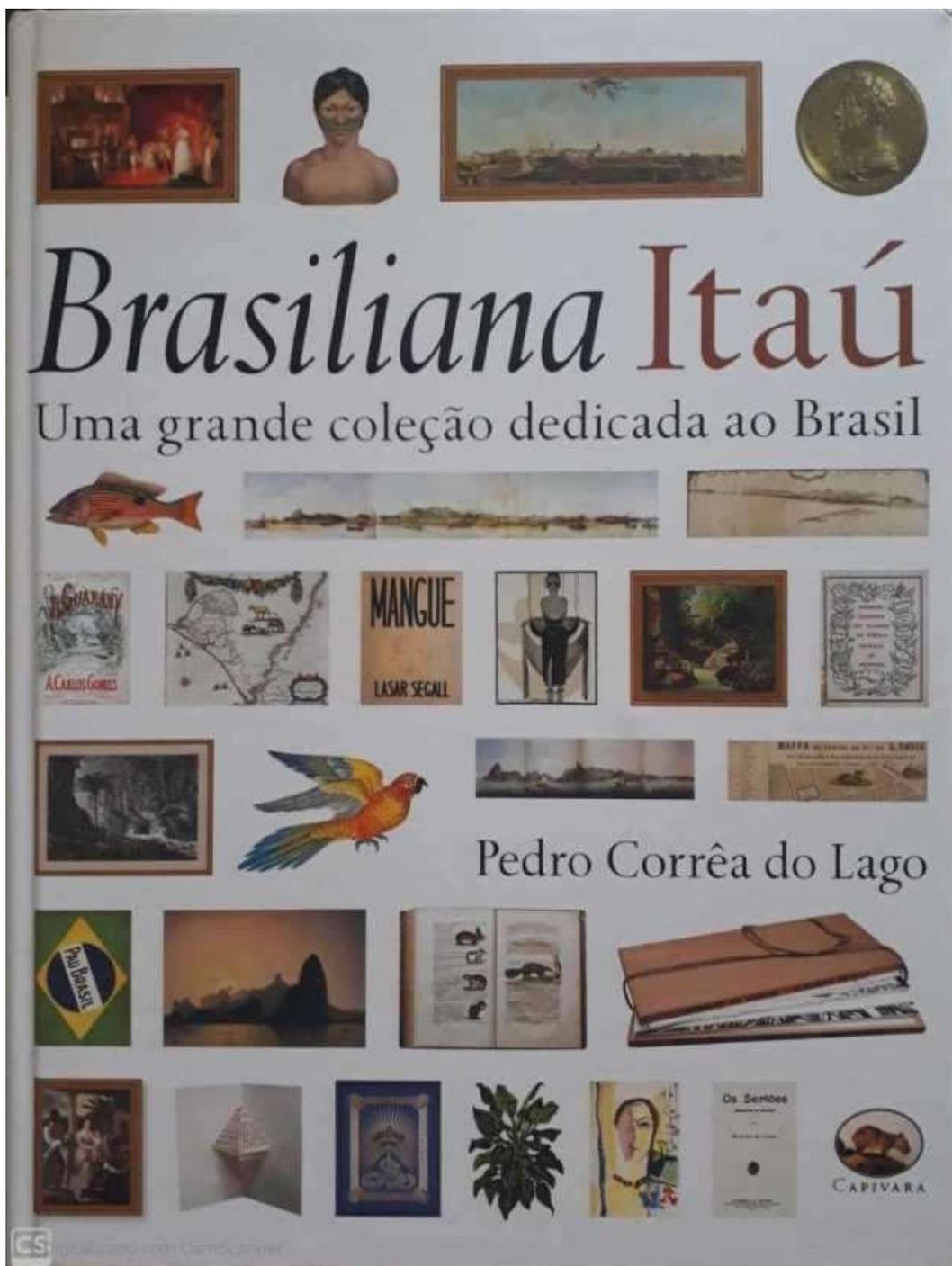


Foto: Nilson Jaime

Em 2014, diante das novas aquisições incorporadas ao acervo, surgiu a necessidade de uma segunda edição. O lançamento da obra ampliada coincidiu com a inauguração do Espaço Olavo Setubal, localizado no prédio do Itaú Cultural, situado na Avenida Paulista, centro da capital bandeirante, depositário dos dois acervos, quais sejam, a Coleção Brasileira e a Coleção Numismática (alusiva a moedas). A entrada na exposição permanente é gratuita e o seu percurso constitui-se num mergulho instrutivo nos cinco séculos da memória histórica e visual brasileira. A variedade e a riqueza do catálogo talvez sejam apenas inferiores ao da Biblioteca Nacional e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

De acordo com Milú Villela, presidente do Itaú Cultural, o espaço não apenas homenageia o mecenas da cultura como projeta o aludido instituto como “um relevante protagonista na democratização do acesso e no fomento à cultura e à arte brasileiras.”³ Além disso, agrega à imagem da instituição financeira, com todos os méritos, um poderoso “soft power”. A exposição, uma fração dos 12 mil itens que compõem as coleções, restou formatada em nove módulos: a) o Brasil desconhecido; b) o Brasil holandês; c) Brasil secreto; d) o Brasil dos naturalistas; e) o Brasil da capital; f) o Brasil das províncias; g) o Brasil do Império; h) o Brasil da escravidão; e i) o Brasil dos brasileiros.

O BRASIL DESCONHECIDO

O primeiro módulo da exposição aborda um período pouco documentado da história do país, sobretudo em razão de o território brasileiro ser ainda desconhecido do colonizador europeu. Segundo o prospecto e guia de visitação distribuídos na mostra,

nenhum artista visitou o Brasil nesse período. As imagens existentes foram criadas na Europa com base em relatos de descrições escritas. O tema dominante era o canibalismo, protagonista de grande parte das gravuras que descrevem o país. Os povos indígenas também são retratados vestidos à moda europeia ou em modelos atléticos imaginados pelos artistas europeus, que nunca os haviam visto.⁴

É dessa fase o raríssimo *Mapa do Almirante* (Estrasburgo, 1522), de Lourentz Fries (1490-1522), que delineia parte do litoral brasileiro, então chamado de “Terra Papagalli”, em latim, ou seja, “Terra dos Papagaios”. Nesse precioso documento, revisam-se as cartas que Martin Waldseemüller (1475-1522) incluíra como suplemento em uma das edições da *Geografia de Ptolomen*, “primeiro atlas geográfico comentado da história”, confeccionado no segundo século da era cristã. Frise-se que o citado Martin, na primeira versão de seu *Cosmographiae introductio* (sem local, 1507), de forma pioneira, denominou o continente recém-descoberto de América – em alusão ao navegante Américo Vesúcio.

³ Milú Villela. *Coleção Brasileira Itaú – Prospecto e Guia de Visitação*. Itaú Cultural. São Paulo, s.d., 14 p.

⁴ *Ibidem*.

Segundo Pedro Corrêa do Lago, mais tarde, ele explicaria que a escolha de um nome feminino harmonizar-se-ia com o mesmo gênero dos nomes de Europa, Ásia e África.

O autor de *Brasileana Itaú* chama a atenção igualmente para um aspecto pouco observado e relacionado especialmente a esse período do “Brasil desconhecido”: os mapas a respeito do país eram impressos em várias nações, menos em Portugal e no Brasil. No afã de decifrar o enigma, Lago assinala:

A ausência do primeiro se explica pela opção política de ocultar as riquezas do Brasil, dificultando-lhe ao máximo o acesso. A inexistência de mapas brasileiros deve-se obviamente ao fato de a imprensa só ter sido autorizada no país a partir do início do século XIX, quando a cartografia de tema brasileiro impressa no exterior já acumulava quase trezentos anos de esplêndidas realizações.⁵

Com efeito, salta aos olhos o esforço despendido pelos arquitetos da coleção Brasileira para reconstituírem o mosaico da legislação luso-brasileira vigente durante os mais de trezentos anos da era colonial (1500-1822). Por tal razão, além de documentos relativos à nossa formação territorial, como o Tratado de Madri (1750), que revogou o Tratado de Tordesilhas (1494), o catálogo ostenta, entre outros, os originais das Ordenações Manuelinas (Lisboa, 1565), do rei Dom Manuel (1496-1521) e da primeira edição do Código Filipino (Lisboa, 1603), conjunto de normas que praticamente regulamentaram a vida privada no Brasil até 1917, data da promulgação do Código Civil elaborado pelo jurista Clóvis Beviláqua.

O Brasil toma forma ainda em dois atlas clássicos: a *Cosmografia Universal* (Basileia, 1540), do geógrafo alemão Sebastian Münster e a *Delle Navigationi et Viaggi* (Veneza, 1556), do italiano Giovanni Battista Ramusio, considerado por John Locke um “trabalho perfeito”. Ademais, cumpre salientar a mais famosa gravura quinhentista sobre os brasileiros. Inserta no livro de Jean e Robert Dugord (Rouen, 1551), a representação artística retrata uma festa em homenagem aos reis Henrique II e Catarina de Médicis, na qual foram exibidos ao público cinquenta índios Tupinambá e Tabajara numa taba simulada. “O espetáculo marcou as imaginações daqueles que assistiram e dos muitos que viram a gravura, intitulada ‘Festa dos brasileiros’, uma das mais ricas e ambiciosas imagens até então publicadas de um representação teatral,”⁶ consignou Lago.

O BRASIL HOLANDES

Os profícuos quase oito anos passados por Maurício de Nassau no Brasil, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, inspiraram bastante os artistas e cientistas de sua comitiva, que

⁵ Pedro Corrêa do Lago. *Brasileana Itaú – uma grande coleção dedicada ao Brasil*, p. 622, segunda edição, 2014.

⁶ *Ibidem*, p. 111.

divulgaram em livros ilustrados todas as imagens e informações colhidas no país. A presença holandesa ocorreu de 1624 a 1654, destacando-se dessa fase, o já mencionado quadro de Frans Post, que reproduz um pitoresco povoado do Nordeste brasileiro.

A produção bibliográfica associada à ocupação neerlandesa é relativamente extensa e inclui o *Novus Orbis* (Amsterdã, 1633), de Joannes de Laet, uma publicação escrita originalmente em latim e que contém os melhores mapas do Brasil antes da vinda de Nassau. Do mesmo autor, é também a *História da Companhia das Índias Ocidentais* (Leiden, 1644).

Merece realce, de igual modo, a ilustradíssima *Historia Naturalis Brasiliae* (Amsterdã, 1648), de Willem Piso e George Macgraf, considerada a primeira enciclopédia da flora e da fauna do Brasil, primorosamente aquarelada à mão. A obra é tida como um dos maiores tesouros da Brasileira Itaú, pontua Lago, e foi produzido sob os auspícios de Maurício de Nassau,

que desejava oferecer à comunidade culta europeia um relato das pesquisas científicas nas áreas de botânica e zoologia promovidas por ele no Nordeste brasileiro. Durante quase duzentos anos essa obra não só foi a principal fonte da história natural brasileira, como praticamente a única até a década de 1820, quando foram publicados os trabalhos do Príncipe de Wied-Neuwied (Príncipe Maximiliano) e dos sábios bávaros Spix e Martius.⁷

Por último, seria uma lacuna imperdoável a omissão do *Atlas Blaeu*, no justo conceito de Lago “o maior e mais belo atlas de todos os tempos.”⁸ Expressão maior da pujança da República Unida dos Países Baixos no século XVII, o *Grande Atlas Blaeu ou Cosmografia Blaviana* foi editado em 1662 pela editora holandesa Blaeu (Amsterdã) e impresso em sete línguas, chegando algumas versões a alcançar doze volumes encadernados em pergaminho e decorados com filete de ouro, o que fazia seu preço equivaler a uma boa casa da cidade neerlandesa. O compêndio buscava consolidar todo o conhecimento da humanidade até então existente. As gravuras de Fran Post e Marcgraf sobre o Brasil e o saber legado pela missão de Nassau, sem dúvida ajudaram a robustecer ainda mais a monumental obra de Joan Blaeu, que frequentemente era usada pelas autoridades holandesas para fins diplomáticos. Nessa direção, consta que o sultão da Turquia ofertou-a ao imperador da Áustria, Leopoldo I.

O BRASIL SECRETO

Após a expulsão dos holandeses do Brasil, o governo português proibiu a entrada de visitantes estrangeiros em sua colônia americana por mais de 150 anos. O “Brasil secreto” adveio da preocupação em manter o país fechado a possíveis exploradores, sobretudo após a descoberta de grandes jazidas de

⁷ *Ibidem*, p. 111.

⁸ *Ibidem*, p. 619.

ouro e diamantes, por volta de 1700, em Minas Gerais, e posteriormente em Mato Grosso e Goiás. Por isso, talvez a imagem que melhor simbolize esse obscuro momento repouse na aquarela *Vistas da baía do Rio de Janeiro*, de T. Sydenham (1795). Isso porque o artista foi obrigado a retratar a cidade maravilhosa da perspectiva do navio inglês, uma vez que as embarcações estrangeiras eram proibidas de atracarem no território brasileiro.

Embora não mencionado por Lago, um grande prejuízo à então inexistente ciência nacional foi o veto à presença do naturalista alemão Alexander Von Humboldt⁹ (1769-1859). A despeito de ter viajado pela América do Sul entre 1799 e 1804, percorrendo a Venezuela, Colômbia e Peru, o maior cientista daqueles tempos – precursor de Charles Darwin e influenciador de Simon Bolívar, Thomas Jefferson, Goethe, Ernst Haeckel e Henry David Thoreau – não pode conhecer o Brasil. Em sentido contrário, seus patrícios Spix e Martius e outros naturalistas visitariam demoradamente o país mais tarde, após a chegada da família real, expulsa pela invasão napoleônica.

Ao longo do importante ciclo econômico da mineração (século XVIII), grandes talentos poéticos se manifestaram, a exemplo de Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa, expoentes da Inconfidência Mineira. Na mesma Minas Gerais, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, surge como um mito das artes nacionais, produzindo *Nossa Senhora das Dores*, imagem de cedro policromado.

É desse período o primeiro livro impresso no Brasil, quase 300 anos depois da Bíblia de Gutenberg, a primogênita publicação europeia. Trata-se do livro *Relação da entrada do Bispo do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, 1747), de Luiz Antônio Rosado da Cunha, editado na Segunda Officina de Antonio Isidoro da Fonseca. Como a existência de tipografia na colônia era terminantemente proibida pelo rei de Portugal, o aparecimento do citado opúsculo é creditado a um cochilo das autoridades portuguesas. Corrobora a interpretação o fato de Dom João V, ao tomar ciência do acontecido, ter determinado o confisco do prelo e a apreensão da obra. Aliás, o mesmo destino sucedido com *Cultura e Opulência do Brasil*, de autoria do padre Antonil, impressa no exterior em 1711 e só republicada no país 126 depois.

Em relação ao pioneirismo do livro de Luiz Antônio Rosado Cunha, sublinhe-se que houve uma polêmica bibliográfica envolvendo a obra do brasileiro José Fernandes Pinto de Alpoym, intitulado *Exame dos Artilheiros* (Lisboa, 1744). Malgrado na capa constar a cidade portuguesa como o local da

⁹ Sobre Humboldt, ler Andrea Wulf, *A invenção da natureza – a vida e as descobertas de Alexander Von Humboldt* (São Paulo: Crítica, 2016. 587 páginas).

edição, especialistas advogavam que a impressão ocorrera no Brasil. No século XX, entretanto, várias investigações refutaram a suspeita.

Algumas peças da coleção Brasileira merecem destaque. A primeira delas é *Governo de Mineiros* (Lisboa, 1770), de Jozé Antônio Mendes, raríssima publicação de um brasileiro na área médica. Segundo Lago, o autor “redigiu um manual para pessoas que, sem formação médica e distantes das cidades com hospitais, precisavam cuidar de seu empregados e escravos.”¹⁰ A outra refere-se ao *Diccionario portuguez, e brasiliano* (Lisboa, 1795) do frei franciscano José Mariano da Conceição Velloso, criador de um léxico português-brasileiro, sendo brasileira a língua Tupi-Guarani.

O BRASIL DOS NATURALISTAS

O módulo 4 da exposição apresenta a “era das luzes”, iniciada com a chegada da família real e a abertura dos portos, em 1808. O Brasil “foi finalmente revelado ao mundo e, nas décadas seguintes, receberia centenas de artistas e cientistas determinados em registrar o território, seus costumes, sua flora e sua fauna, movidos pela enorme curiosidade represada nos 150 anos em que o país ficou fechado”.¹¹ É a parte mais pujante da mostra. O colorido das telas e as gravuras de animais, plantas, florestas, flores e habitantes do Brasil encantam o visitante.

Logo nos albores desse ciclo, o país ganhou uma obra que tornar-se-ia a mais famosa de sua historiografia produzida por um estrangeiro: *History of Brazil* (Londres, 1810), do inglês Robert Southey. Pedro Lago explica que Southey viveu sua juventude em Lisboa e planejava escrever uma história de Portugal, mas “julgando o projeto ambicioso demais, voltou-se para uma História do Brasil, que lhe pareceu mais fácil de realizar, mas que evoluiu para tornar-se uma obra monumental em três volumes”.¹² Seu trabalho, republicado pelo consórcio das editoras Itatiaia e Edusp¹³, na Coleção “Reconquista do Brasil”, constitui até hoje um estudo de referência e essencial para a compreensão de nosso passado.

A Brasileira Itaú possui os originais de quase todos os relatos de viajantes que singraram o país nessa fase, a exemplo de *Travels in the interior of Brazil* (Londres, 1812), de John Mawe; *Travels in Brazil* (Londres, 1816), de Henry Koster; *Reise in Brasilien* (Munique, 1823), de Martius e Spix; *Journal of a Voyage to Brazil* (Londres, 1924), de Maria Graham e *Voyage Pittoresque au Brésil* (Paris, 1835), de Johann Rugendas.

¹⁰ Pedro Corrêa do Lago. *Op. cit.*, p. 153.

¹¹ Milú Villela. *Op. cit.*

¹² Pedro Corrêa do Lago. *Op. cit.*, p. 156.

¹³ Robert Southey. *História do Brasil*. 3 volumes. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia/Edusp. 1981.

É na secção de fauna e flora que são localizados os mais belos livros e gravuras da coleção. Da série constam os seguintes títulos: *Histoire Naturelle des Tangaras, des Manakins et des Todiers* (Paris, 1805), de Anselme Desmarest, o primeiro álbum de pássaros do Brasil; “*Simiarum et vespertilionum Brasiliesium species novae*” (Munique, 1823), de Spix, catálogo de todos os macacos brasileiros conhecidos à época no país; *Genera et species Palmarum* (Munique, 1823-1831) de Martius, impressionante realização gráfica entre os álbuns dedicados à vegetação brasileira no século XIX; além do clássico de Saint-Hilaire, *Plantes usuelles des Brasiiliens* (Paris, 1824).

Ainda sobre a fauna e flora, calha ressaltar que os naturalistas trataram os índios como “parte da fauna” brasileira, nos termos da mentalidade então prevalecente. Os intelectuais devotavam tanto interesse pelos povos indígenas que Spix e Martius chegaram a levar para a Alemanha um casal de índios (Miranha e Iuri ou Puri), que pouco depois faleceu por não suportarem “a mudança de clima,” de acordo com Martius.

O BRASIL DA ESCRAVIDÃO

A escravidão, nódoa que maculou quase quatrocentos anos da vida brasileira foi retratada por uma série de artistas viajantes, como o inglês Henry Chamberlain, que visitou o Rio de Janeiro em 1817 e, em 1822, lançou em Londres a primeira coleção de gravuras focada na mão de obra servil. Esse capítulo determinante da história do Brasil é esquadrihado no módulo 8 da exposição e permeia grande parte do livro *Brasíliana Itaú*.

Os trabalhos do alemão Rugendas e do francês Debret “mostram cenas da escravidão em contextos diferentes – o rural e o urbano, o cotidiano de trabalhos forçados e os raros momentos festivos.”¹⁴ Publicado no mesmo ano em alemão *Malerische Reise In Brasilien* (Paris, 1835) e em francês *Voyage Pittoresque au Brésil* (Paris, 1835), o livro do pintor Johann Moritz Rugendas – traduzido no Brasil como *Viagem Pitoresca Através do Brasil* (Belo Horizonte: Editora Villa Rica, 1994) –, “ampliou a repercussão da descoberta das novas imagens autênticas do Brasil pelo público culto europeu, que agora chegavam a mais de trezentas se adicionadas as gravuras dos dois álbuns.”¹⁵

Destaca-se em seu trabalho gravuras que se tornaram conhecidas de todos os brasileiros através dos livros de História, como nas imagens de “negros no porão do navio”, “capitão do mato”, e

¹⁴ Milú Villela. *Op. cit.*

¹⁵ Pedro Corrêa do Lago. *Op. cit.*, p. 210.

“punições públicas”, em que um escravo é chicoteado por um feitor, também negro, observado pelo senhor e pessoas do povo.

O mais famoso álbum de gravuras de um artista viajante, *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* (Paris, 1835), do francês Jean-Baptiste Debret, no dizer de Lago,

merece sua reputação por todos os títulos: a precisão e acuidade da observação, a qualidade do desenho, a excelência da técnica litográfica e a variedade de temas que abrange, desde os grandes eventos políticos, aos utensílios indígenas, passando pelas roupas, da flora e da fauna brasileiras, enfim, tudo de curioso que o artista pode observar nos quase quinze anos que passou no Rio de Janeiro, com algumas incursões pelas províncias.¹⁶

É de Debret a conhecida gravura *Sapataria*, na qual dois negros trabalham em seus ofícios enquanto um terceiro é castigado com “bolos” de uma palmatória pelo senhor. Também *Aplicação do castigo do açoite*; *Pequena moenda portátil*; *O regresso de um proprietário de chácara* e diversas outras imagens de “negros de ganho” em seus afazeres, vendendo arruda, capim, leite, cabra, cavalo, tabaco e milho, em cenas urbanas que são verdadeiros retratos do Brasil antes do advento da fotografia.

GOIÁS E O BRASIL DAS PROVÍNCIAS

As províncias foram menos retratadas pelos artistas viajantes do que a capital, Rio de Janeiro, mas diferentes regiões do Brasil foram episodicamente documentadas. Um exemplo é *Panorama da Cidade de São Paulo*, de A. J. Pallière, encomendada pelo imperador Dom Pedro I e considerada a obra mais importante da iconografia paulistana anterior à fotografia. O folder da exposição informa que “o óleo sobre tela desapareceu ao ser vendido após a Proclamação da República e ficou esquecido por 110 anos, até ser redescoberto em 2001, quando foi integrado à Coleção Brasileira Itaú.”¹⁷

Destacam-se ainda, no “Brasil das províncias” (módulo 6 da exposição) a *Vista de São Luís do Maranhão*, pintada por volta de 1860, bem como a *Vista Panorâmica da Baía de Belém do Pará*, de 1870, ambas de autoria de J. L. Righini, obras de escol da iconografia pátria.

Embora prestes a completar 300 anos, Goiás tem pouca visibilidade tanto no livro quanto na exposição. Na mostra, aparece mencionada apenas uma vez, notadamente quando da divulgação da gravura de Thomas Ender (*Vista da Serra das Figuras do Rio Maranhão*), presente no livro *Reise in innern von Brasilien* de Emanuel Pohl (Viena, 1827).

¹⁶ *Ibidem*, p. 206.

¹⁷ Milú Villela. *Op. cit.*

No livro, por sua vez, são somente três remissões iconográficas. A primeira delas, já mencionada acima, refere-se ao Rio Maranhão. A segunda também encontrada na mesma obra de Pohl – publicada no Brasil como *Viagem no Interior do Brasil* (Itatiaia/Edusp, 1976, 417 páginas) – que retrata com certa verossimilhança a Cidade de Goiás, antiga capital, inclusive mostrando a Igreja de Santa Bárbara, construída no cume de um morro vilaboense.

A terceira abriga-se no bojo do livro *Expedition dans les parties centrales de l’Amérique du Sud* (Paris, 1850), de François Louis de Castelnau, integrante da grande expedição científica francesa que explorou e estudou o interior do Brasil em meados do século XIX. A gravura *Praça do Palácio de Goiás* retrata uma paisagem urbana de Vila Boa, onde se vê uma centena de escravos ajoelhados, vigiados por militares, em frente à Catedral de Sant’Ana.

Pedro Corrêa do Lago apresenta gravuras não existentes na versão em português da obra de Castelnau (*Expedições às Regiões Centrais da América do Sul*, editora Itatiaia Edusp, 2.000, 448 páginas), traduzido a partir do original citado, como o desenho colorido de “Chiotay”, chefe dos Xerentes (hoje habitantes de Tocantínia, Estado do Tocantins, na ocasião província de Goiás)

Naturalistas viajantes que passaram por Goiás, como Saint-Hilaire, Aires de Casal e Louis D’Alincourt têm pouca ou nenhuma visibilidade na mostra, assim como Louis Cruls, ausente, o que colabora para a pequena presença de Goiás na exposição e no livro. Os relatos de viagens dos aludidos autores primam pela descrição, sem inserção de imagens.

Rugendas, que nunca esteve no estado cerratense, dá notícias do comércio entre esta capitania e Minas Gerais em pelo menos duas ocasiões em seu livro *Viagem Pitoresca Através do Brasil*, supra mencionado. Chega a inserir a colorida litografia *Habitans de Goyaz*, mas vê-se claramente que trata-se de uma idealização do alemão, já que o vaqueiro retratado lembra mais um gaúcho com espécie de túnica árabe cobrindo a cabeça. Bem diferente do estereótipo do vaqueiro goiano daqueles tempos e de hoje.

A respeito da exposição e do livro Brasileira Itaú pode-se escrever um tratado ou uma tese de doutorado. Devido ao ancho espaço que isso demandaria, deixamos de descrever o módulo sobre o “Brasil do Império” que abrangeria esse importante período da história brasileira, bem como o “Brasil da Capital”, com dezenas de trabalhos iconográficos e históricos sobre a cidade maravilhosa. “O Brasil dos Brasileiros”, que aborda a consolidação republicana no país, a literatura brasileira e a Semana de Arte Moderna exigiriam outro artigo, que pretendemos escrever em breve.

Em resumo, a *Brasileira Itaú – uma grande coleção dedicada ao Brasil*, o livro e a exposição, merecem ser lido e visto, pois nada ficam a dever aos melhores museus e raisonnés do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELNAU, F. de L. de. Expedições às Regiões Centrais da América do Sul. Belo Horizonte / São Paulo: Editora Itatiaia / Edusp, 2.000. 448 p.
- LAGO, P. C. do. Brasileira Itaú – uma grande coleção dedicada ao Brasil. Rio de Janeiro: Capivara, 2009, 707 p. il.
- LAGO, P. C. do. Brasileira Itaú – uma grande coleção dedicada ao Brasil. 2ª edição. Rio de Janeiro: Capivara, 2014, 728 p. il.
- POHL, J. H. E. Viagem no Interior do Brasil (Belo Horizonte / São Paulo: Editora Itatiaia / Edusp, 1976. 417 p.
- SOUTHEY, R. História do Brasil. 3 volumes. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / Edusp. 1981.
- RUGENDAS, J. M. Viagem Pitoresca Através do Brasil. Coleção Reconquista do Brasil (3ª série), vol. 8. Belo Horizonte / São Paulo: Editora Itatiaia / Edusp, 1989. 166 p. il.
- VILLELA, M. Coleção Brasileira Itaú – Prospecto e Guia de Visitação. Itaú Cultural. São Paulo, s.d.
- WULF, A. A invenção da natureza – a vida e as descobertas de Alexander Von Humboldt São Paulo: Crítica, 2016. 587 p. il.